

O Canadá visto de cá

Paulo Henrique Martinez*

ARDAO, Arturo. *A hora do Canadá*. Organização de Haydée Ribeiro Coelho e Dilma Castelo Branco Diniz; tradução de H. R. Coelho. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

A leitura de *A hora do Canadá*, compilação com unidade temática de artigos redigidos pelo ensaísta e crítico uruguaio Arturo Ardao (1912-2003), é particularmente instigante em nossos dias. Indagando-se sobre aquele país, no ano da celebração do centenário da Confederação canadense, em 1967, o autor contempla questões centrais para os habitantes e as nações da América Latina no século XXI. Seu propósito ao publicar esta série de quatorze artigos era precisamente este: compreender e refletir sobre o significado do Canadá na história e no futuro da América Latina.

No livro, desde logo, transparece a atualidade dos escritos de Ardao. Sublinho aqui apenas dois pontos. O primeiro é a já clássica construção e contraposição de uma América, a Latina, diante de outra, a Anglo-Saxônica, pobre e rica, oprimida e opressora, quente e fria, espiritualista e materialista, entre tantos contrapontos. O segundo,

a diversidade cultural reinante, há séculos, no continente americano e que não cessa de ampliar-se em levadas sucessivas de circulação de pessoas, bens e ideias, sob as mais variadas condições: migrantes, colonos, viajantes, exilados, foragidos, escravos, trabalhadores temporários e clandestinos, turistas. Uma diversidade cultural que rompe amarras da geografia e perturba a estabilidade de identidades culturais e políticas em torno das duas “Américas”.

Os artigos que compõem o volume estão precedidos por dois eruditos estudos das professoras e organizadoras de *A hora do Canadá*. Em “Arturo Ardao e a integração latino-americana”, Haydée Ribeiro Coelho, que foi também a tradutora dos textos, localiza o interesse daquele intelectual pelas singularidades e dificuldades na busca de identidades coletivas canadenses e latino-americanas. Crítico do imperialismo econômico e cultural norte-americano, em veloz e agressiva expansão na década de 1960, Ardao proclamava a pertinência da aproximação com o que chamou de América Latina do Norte, o Canadá francês. Não sem problemas, pois há inúmeras dualidades canadenses, além do bilinguismo oficial e da coabitação cultural, inglesa e francesa. As dualidades canadenses hospedam, diz ele, complexidades que esca-

pam a e mesmo impedem qualquer dicotomia, sobretudo política. Este raciocínio já bastaria para distinguir a reflexão intelectual do ensaísta que escreveu em um mundo cindido pela Guerra Fria, na polaridade entre EUA e URSS, e pela ameaça nuclear.

O estudo de Dilma Castelo Branco Diniz, “As ideias de latinidade em confronto”, evidencia rivalidades, paralelismos, contradições e subjetividades nos esforços de construção das identidades culturais e políticas ao redor de ideias e fórmulas como a latinidade, o pan-americanismo e o latino-americanismo. Inspiração fecunda para quem queira, por exemplo, prolongar a reflexão até a realidade contemporânea nas proposições do chavismo e da proclamada Aliança Bolivariana. A afirmação da originalidade americana ancorada no passado e no futuro da região — hispânica, ibérica, latina, socialista, soberana, bolivariana — contrapõe-se ao presente, de ontem e de hoje, essencialmente materialista, guiado pelo crescimento e a expansão econômica norte-americana na vizinhança continental. Não pela origem, herança e destino, mas pelas relações bilaterais dos países com o colosso do Norte. O Canadá, aponta o articulista, não está isento neste circuito, antes, encontra-se integrado e de forma singular a ele. Residem aqui o desafio e o sentido de compreender o “Canadá na hora do Canadá”, título original do proposta.

Em quatorze artigos publicados semanalmente no jornal uruguaio *Marcha*, entre agosto e novembro de 1967, Arturo Ardao, após visita ao Canadá, apresentou aos leitores os efeitos e as perspectivas da “revolução

tranquila” (1960-1964) e das novas identidades coletivas que envolveram a população, os dirigentes políticos e os debates intelectuais da província francesa do Quebec, na porção leste do país. Atento às sobreposições de esferas que denomina “dualidades”, o ensaísta uruguaio examina criteriosamente a unidade de contrários que atormenta, enriquece e interroga a história e o futuro do Canadá. São cinco artigos sobre a dualidade canadense a partir das tensões do federalismo, de Ottawa, a capital federal, anglófona, e de Quebec, a província e capital cultural do Canadá francês; dois artigos sobre a dualidade Canadá e Grã-Bretanha, representada pela colonização inglesa e a presença na comunidade de nações britânicas, a *Commonwealth*; cinco artigos dedicados às relações com os Estados Unidos, articuladas pelos laços militares, econômicos, políticos e, crescentemente, culturais dos dois países; finalmente, dois artigos sobre as semelhanças e as possibilidades que aproximam o Canadá e a América Latina.

A reunião desses artigos em livro foi iniciativa das organizadoras, professoras reunidas no Núcleo de Estudos Canadenses, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. A publicação pela editora da UFMG é atraente também ao público estrangeiro, latino-americano e canadense, sobretudo, que dispõe da série completa dos textos e antes dispersa nas páginas do jornal. O ano da edição, 2012, guarda ainda a oportuna lembrança e a bonita homenagem ao autor, presença no pensamento crítico uruguaio e latino-americano, no centenário de seu nascimento. *A hora do Canadá* ex-

trapola o propósito inicialmente projetado pela edição brasileira, ampliando o arco de questões, de interesses e de leitores do livro. A universidade pública multiplica sua atuação institucional na promoção da reflexão, da divulgação e do debate de ideias, obras e de pensadores em aberto diálogo com o nosso tempo. Isto é sempre bom para os que fazem e gratificante para os que têm o trabalho universitário como referência na vida cotidiana, profissional e cultural.

Diferentes episódios chamaram a atenção de Arturo Ardao quanto ao Canadá. Primeiro a viagem que fez ao país, onde pôde acompanhar as comemorações do centenário da Confederação canadense, as visitas da rainha Elizabeth II e do presidente da França, Charles De Gaulle, a cobertura na imprensa, os debates políticos e a mobilização das instituições culturais, em 1967. Foi o significado destes acontecimentos todos que impeliu o ensaísta uruguaio a compreender algo que se sobrepunha ao festejado centenário. Tratava-se do debate sobre a dualidade canadense e o pensamento nacional, sua constituição, expressão e alcance social. O debate expunha os problemas e interesses próprios, a busca e a necessidade da liberdade e da autonomia perante o colosso do sul, o vizinho Estados Unidos da América. O núcleo destas dificuldades estaria precisamente na dualidade histórica e cultural canadense, os diferentes idiomas, culturas e tradições nacionais. Daí a fixação do autor em examinar as múltiplas dualidades — círculos concêntricos, dirá ele — organizadas nas quatro partes que reúnem os artigos e que compõem o livro. Partes desiguais no número de páginas mas

igualmente valiosas na interpretação crítica da realidade nacional do Canadá, das relações deste com os EUA, com a Grã-Bretanha e com a América Latina.

Um exame detido é o da dualidade representada pelas províncias mais antigas, populosas, ricas, urbanizadas e conhecidas internacionalmente, Ontario e Quebec, a anglófona e a francófona. Tão diferentes entre si, ambas formam o território inicial do Canadá, o solo histórico, geográfico, econômico, cultural e político, até 1867. A Confederação reforçou a unidade política, agregou outras províncias — Nova Brunswick e a Nova Escócia —, formando o Domínio britânico. É deste conjunto, diz Ardao, que deve partir a compreensão do momento descrito em seus artigos, de dualidade e de totalidade nacional. O predomínio anglófono correspondia, então, a 44% da população, seguido da francofonia, cerca de 30%, e das demais nacionalidades. O fundamental estava na raiz francesa da totalidade do Canadá e de sua consciência nacional perante os EUA e os grupos de indivíduos que acorreram ao país em seguidos fluxos migratórios. Quebec erguia-se como centro nacional, a segunda maior cidade francesa, depois de Paris, mas não como centro político, sediado em Ottawa, a capital federal. As relações entre o Canadá anglófono e o francófono tornam a dualidade canadense um problema essencialmente político. Um problema que encontra na opção pelo federalismo a solução para a consolidação, integração e igualdade de condições entre as duas comunidades.

As atenções foram mais sumárias no tocante à dualidade Canadá e Grã-Bretanha.

Igualmente importante, afinal, o Canadá vivia há dois séculos em órbita britânica, primeiro a colonial e depois a comunitária. Um progressivo afrouxamento político foi conferindo identidade e autonomia na administração e no planejamento dos destinos dos canadenses, entre 1931, quando foi obtida a independência política, e a década de 1960, quando as linhas mestras da nacionalidade são postas em xeque, revistas e renovadas com a inquietação social, política e cultural em Quebec e na francofonia dispersa nas outras províncias. A adoção da bandeira canadense, em 1965, exprime esse momento de rearranjo: tripartite mas não tricolor, a folha de bordo ao centro, polo de identidade ancorado na natureza comum a todo o território nacional, uma única folha, aquela proveniente das mesmas árvores. Em poucas ocasiões uma metáfora extraída da natureza foi tão precisa, simbolicamente, quanto nesta da unidade política na diversidade social e cultural.

A terceira parte agrupa os cinco artigos que examinam a dualidade Canadá e Estados Unidos. Particularmente importante, pois a dualidade das comunidades canadenses seria fruto da reação destas ao vizinho do sul. Os vetores de convergência entre os dois países são muitos e poderosos. Não há como ignorar que ambos compartilham da comunidade cultural britânica, no idioma falado por quase 50% da população canadense, na religião e em inúmeras tradições. A fronteira extensa, contínua e terrestre, é responsável por uma inescapável intimidade geográfica. Nada separa o Canadá dos EUA, exceto o temor do colonialismo econômico

e de absorção cultural da francofonia, como ocorreu na Luisiana, estado no sul dos EUA. Já o colonialismo constitui um fantasma de futuro, mais do que do passado. A experiência norte-americana catalisou a unidade no vizinho do norte em proveito próprio e munuiu o país com a fórmula da unidade política — o federalismo — para afastar o Canadá francês da sedução norte-americana da República e do liberalismo, fazendo surgir o Canadá moderno. A aliança política e militar com os EUA tornou-se imperativa, com a queda da França já no início da Segunda Guerra Mundial, em 1940. Os canadenses franceses, porém, têm diferenças e heranças culturais a salvaguardar diante da ininterrupta americanização. Uma vez mais, a dualidade alimenta-se de seu contrário.

Guardadas para a última série, com apenas dois artigos, as notas de Ardao sobre o Canadá e a América Latina são reduzidas, mas centrais. Elas convergem para a validade e o desejo da maior aproximação e de novos diálogos, do estreitamento dos contatos e dos vínculos entre as partes. Em primeiro lugar, ali encontra-se reproduzida com nuances próprias, numerosas e expressivas, em escala nacional, a dualidade continental das Américas Saxônica e Latina. Em segundo lugar, há temores e incômodos políticos econômicos e culturais, nutridos na vizinhança dos EUA. Terceiro, existe uma incontornável proximidade histórico-cultural que remonta à chegada dos europeus ao continente, inscrita tanto na história quanto, por exemplo, na toponímia das cidades-porto de Montreal, na embocadura do rio São Lourenço, ao norte, e de Montevidéu, na embocadura do

rio da Prata, ao sul. Ela rememora a origem comum no processo social da colonização. A unidade latina, construída a partir e ao redor das expressões culturais e idiomáticas, também parece consistente e democrática diante dos critérios raciais que ordenaram e justificaram as desigualdades entre os povos da América, desde meados do século XIX. Nesta trajetória, ressalta Ardao, a derrota da França, em maio de 1940, colocou o Canadá francês diante do desafio de viver de si mesmo. A aliança política e militar com os EUA representou, por um lado, esse esforço de sobrevivência. A busca de contato cultural com a América Latina, por outro lado, revelou o desejo de preservação da identidade e que não parou de florescer nas artes, na literatura, no cinema, na música e nas ciências.

Em 1969, Florestan Fernandes, afastado compulsoriamente da Universidade de São Paulo pela ditadura militar, chegou ao Canadá para trabalhar na Universidade de Toronto. Durante três anos o sociólogo paulista exerceu ali suas atividades de ensino e de pesquisa, patenteadas nos estudos sobre a formação histórico-social da América Latina e que distinguem a sua obra neste período. As evidências colhidas e sugeridas por Arturo Ardao em *A hora do Canadá* encontram ressonância na experiência histórica latino-americana. Não seria este o móvel para a publicação e para a leitura deste livro?

* Doutor em história pela Universidade de São Paulo, professor adjunto na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: martinezph@uol.com.br.